

Direção de Vasco C. Santos e J. Casimiro Vinagre

Toda a correspondência deve ser endereçada à nossa Redação, com a referência «Xadrez»

A SEDENTARIEDADE
seus inconvenientes e meios de a combater

PELAS suas inigualáveis propriedades, que constituem só por si uma escola da mais salutar cultura física, o desporto suplanta actualmente todas as outras modalidades recreativas de que o homem dispõe para quebrar a monotonia da labuta quotidiana. É, portanto, justificável o interesse que o desporto suscita nos meios responsáveis de um país, que procuram sempre garantir-lhe, de modo eficiente, o apoio indispensável ao seu progresso.

Poucos são aqueles, porém, que reconhecem, em toda a sua grandeza, as vantagens inerentes à prática de exercícios mentais, a que também podemos dar a denominação de «desporto intelectual» — neologismo, segundo supomos, de propriedade absolutamente correcta. Ora esta incompreensão é, sem dúvida, lamentável.

E, no entanto, a contribuição das duas actividades — física e intelectual — para a distinção de uma raça, deve ser proporcionalmente equiparável: uma serve a matéria, a outra o espírito.

Sob diversos pontos de vista, são tão essenciais a robustez como a inteligência. Separadas, estaríamos no caso de um atleta idiota ou de um intelectual raquítico — e, como é óbvio, esta desarmonia concorreria apenas para o desprestígio do homem.

A inteligência é a maior riqueza do ser humano. É uma verdade incontestável, e os próprios desportistas, aqueles que dominam os estádios e as multidões, reconhecem-na francamente; é inegável que, a par das aptidões físicas, necessitam de recorrer amiúde às suas faculdades intelectuais, para explorarem ao máximo as possibilidades atléticas.

Com estas reflexões não nos ocorre, evidentemente, a mais pequena intenção de ofuscar as flagrantes virtudes do desporto físico, que são preciosíssimas. Guia-nos apenas o propósito de combater o ceticismo com que são geralmente encarados os chamados jogos intelectuais, nomeadamente o xadrez, as damas e alguns mais. Procuramos, em resumo, dar ao seu campo de acção o devido realce.

Competiria aos cientistas contestar, na hipótese de eventual polémica, os benefícios que porventura possam advir da ginástica mental a que se entregam os praticantes desses jogos, universalmente reputados como científicos.

Cremos, contudo, que se o desporto intelectual não desenvolve as faculdades mentais de um indivíduo, o que nos repugna acreditar, conserva-as pelo menos intactas, não podendo jamais prejudicá-las desde que não se exceda a sua experimentação.

O desporto intelectual, principalmente o xadrez — o «jogo real» por excelência — é, sobretudo, uma escola de raciocínio, de sangue frio e de arte estratégica, conjunto de qualidades suficientes para merecer a mais extensiva adopção por todas as classes sociais de um país.

Seria excepcionalmente interessante, sem dúvida, apreciar o efeito que provocaria a expansão do desporto intelectual entre o operariado — a classe tão característica do povo mas que, infelizmente, apenas conhece para seu entretenimento, na maioria, os duvidosos jogos de azar que tanto contribuem para a corrupção dos melhores e mais sãos princípios.

Seria, de facto, empreendimento arrojado levarmos as propriedades insubstituíveis da arte escaquística à massa operária.

Por muito paradoxal que a ideia pareça, ela é, contudo, relativamente possível, visto estar há muito provado que os jogos como as damas e o xadrez são perfeitamente acessíveis a cérebros menos cultos ou privilegiados.

E porque estamos convencidos de que bastante de útil pode fazer-se neste campo, brevemente lançaremos nas colunas de «Stadium» um movimento com aquele fim — ou seja no sentido de proporcionar às classes operárias o gosto pela prática do xadrez, em condições de lhes facilitar não só a sua aprendizagem como

EM Portugal sofre-se bastante dos males da sedentariedade e pouco ou nada se faz para os combater.

As clínicas são muito frequentadas por adultos que já ultrapassaram os 35 anos e que se queixam de desarranjos digestivos ou circulatórios, de vagas indisposições, motivadas na maioria dos casos pela falta de movimentação do organismo. São, quasi sempre, indivíduos fatigados, nervosos, desoxigenados, cuja astenia se priva cada vez mais das actividades físicas, tão necessárias à conservação da saúde. Caem, com frequência, em estados de grande obesidade ou de acentuada magreza. Psicologicamente, distinguem-se por excessiva timidez — falta de coragem, de sangue-frio, de domínio próprio — e da decisão que o espírito desportivo cria.

Grande parte destas perturbações, com maior ou menor intensidade, constituem o cal-

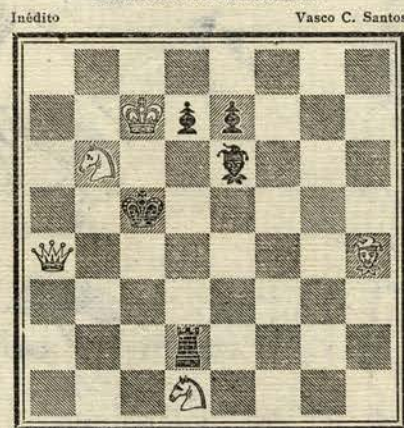
o prosseguimento ininterrupto de tão útil quanto valioso passatempo.

Voltaremos em breve ao assunto, com menor.

VASCO C. SANTOS

PROBLEMA N.º 7

Dedicado a Rui Nascimento



Mate em 2 lances

Solução do Problema n.º 5 1.T-g5

Esta esplêndida composição do grande problemista italiano é realmente digna de um primeiro prémio!

A chave de «evacuação» — ameaça 2.Be5. São magníficas as variantes de auto-obstrução (Cf3 e Cf5); as que permitem os mates da «bateria» (Cc4) e ainda os mates resultantes da pregação dos cavalos quando tomam e4.

Solucionistas: — Hans Scheider, Algés; Alexandre Saraiva, Lisboa; «Latino», Alcobaca; J. Walter, Dafundo; dr. Gabriel Ribeiro, Lisboa; Daniel de Sousa, Pórtio; A. David, Lisboa; António Luís de Magalhães, Meleças; Orlando Casimiro dos Santos, Lisboa; Alberto Mesquita, Lisboa; L. Ventura, Lisboa.

O Xadrez na Cosia do Sol

O «jogo-ciência» está obtendo no Monte Estoril um triunfo extraordinário.

É bem digna de aplauso a resolução tomada pela direcção do grupo local, organizando, amiúde, sessões de partidas simultâneas — decerto o mais acessível modo de difundir a modalidade. Reconhecendo-o, Francisco José Lupi e Vasco C. Santos, do G. X. Lisboa, não hesitaram em prestar o seu concurso a tão louvável

(Conclue na pág. 11)

vário de enorme legião de trabalhadores sedentários, de intelectuais, que jamais fizeram uma educação física apropriada às suas ocupações.

Ora a experiência mostra que este mal-estar orgânico é pouco frequente nos indivíduos familiarizados com os exercícios físicos e que desaparece ou se atenua, em breve tempo, naqueles que a tais exercícios recorrem sensatamente.

Não obstante, salvo a juventude desportiva que se entrega, com o entusiasmo próprio dos seus anos moços, aos salutaros exercícios do corpo, são poucos os adultos que praticam a ginástica ou os desportos. Inúmeros profissionais sedentários arrastam uma vida inteira de debilidade orgânica, sem se decidirem pela educação física redentora, que lhes proporcionaria, sem dúvida, a boa disposição e energia interior necessárias ao labor quotidiano. Alguns outros, a-pesar-de estarem esclarecidos das vantagens dos exercícios físicos, gastam o melhor da sua existência alimentando projectos de actividades físicas que nunca chegam a efectivizar. Existem ainda os que, intitulando-se orgulhosamente «desportistas», satisfazem o seu ideal desportivo por simples assistência aos desafios de futebol...

Entendamo-nos!

A luta contra a sedentariedade é, como se sabe, necessidade imperiosa para a conservação da saúde. Movimentar o corpo, praticar exercícios físicos, constitui um dever que todos têm para consigo próprios e para com a sociedade. É ainda manifestação de patriotismo, visto que a prosperidade das nações depende, em grande parte, da robustez dos seus habitantes. Trata-se, em última análise, de uma obrigação moral que cumpre satisfazer.

O problema consiste, na sua expressão mais simples, em criar «hábitos de vida física activa». Para tal, basta apenas um pouco de vontade, de persistência e de sugestão colectiva. Uma vez escolhidas as modalidades do exercício físico mais de harmonia com as tendências ou inclinações individuais, há que praticá-las em quebra de continuidade, até que fique inveterado o hábito de movimentar o corpo.

São múltiplas as actividades físicas a que se pode entregar um adulto que já não é jovem: ginástica, natação, ténis, remo, ciclismo, equitação, esgrima, certos jogos de bola, «golfe», patinagem, dança, etc.

Os povos que aliam à cultura o sentido prático da vida, como os anglo-saxões, dispõem de tudo isto com profusão. O «golfe» é, entre eles, desporto popular, as piscinas são inúmeras e as salas de armas ou de ginástica, espaciais e atraentes, recebem todos os dias milhares de homens de negócios e de funcionários de ambos os sexos.

Esta educação física, é certo, apresenta, por vezes, para os latinos, aspectos extravagantes: não é raro, verem-se graves *business-men* tomarem parte em classes de dança, envergando trajes desportivos, depois de terem terminado as suas ocupações diárias no mundo dos negócios. Estas danças, fundamentalmente educativas e apropriadas à idade dos executantes, podem parecer nos bizarras, mas temos de concordar que os efeitos obtidos são excelentes.

O essencial na educação física do adulto, que ultrapassou a juventude, é exercitar o corpo por meio de actividades atraentes, que não fiquem nem enfadadas.

Que o movimento tome a forma de «golfe», de ciclismo ou de dança, pouco importa. Todavia, bem avisados andarão aqueles que se submeterem simultaneamente aos benéficos exercícios da ginástica correctiva e funcional sob a orientação de professor de educação física competente. Estes exercícios, adaptados ao temperamento, idade, sexo, modo de vida e outras características individuais, produzirão efeitos mais úteis e surpreendentes que o desporto, só por si, não poderá proporcionar.

ALBERTO VIANA

«STADIUM» na Capital do Norte

(Conclusão da pág. 6)

que da bola, é uma segunda edição do extraordinário Artur de Sousa. Daí, e ainda pelo facto de jogar em idêntico lugar — lhe chamarem já o «Pinga 11».

Nos seus dois últimos desafios, o «Tonito» teve coisas que afirmaram bem o seu estofio. No jogo com S. C. B. foi excelente — e até muito oportuno no pontapé que deu um «goal». No encontro de «reservas» com o Leça, lutando, portanto, com uma defesa aguerrida e forte, ele, o «pequeno Falcão», teve toques de tal «mestria» que por vezes supusemos estar enganados em relação ao jogador que observávamos.

Mas que não se envaldeça... Que continue a ser o «Tonito» e não queira ser muito «Falcão». Há áves que, às vezes, por quererem voar muito alto, perdem a força e caem prematuramente num abismo onde o esquecimento é certo e irremediável...

Um novo parque de jogos

Ao anunciarmos, há meses, a inauguração do «Parque das Camélias», situado em terrenos da rua de Alexandre Herculano — em pleno centro da cidade, acessível a toda a gente — dissemos que a sua gerência estava na disposição de fomentar o desenvolvimento das modalidades desportivas no respectivo recinto.

Depois disso realizou-se ali o I Porto-Lisboa em «volley-ball» e o seu amplo «rink» foi aberto à prática da patinagem.

Veio agora o «boxing», com a desusada assistência que lá ocorreu a demonstrar a boa situação do terreno, afirmando, ao mesmo tempo, que a nossa previsão não tinha sido errada ao asse-

gurar bom futuro a esse novo centro de prática desportiva.

Mas sobretudo pelo acordo feito com o «Vasco da Gama» para a disputa naquele recinto dos seus encontros de «basket-ball», o «Parque das Camélias» vem preencher grande lacuna nesta modalidade, pois todos os campos existentes são já pequenos para albergar os inúmeros adeptos que o «basket» conta nesta cidade.

É certo que o público, embora dispondo de grande área de terreno para se colocar, não tem, para já, acomodações com lugares sentados, no género anfiteatro. É de prever que este óbice seja resolvido, para que o «Parque» satisfaça, por inteiro, as necessidades que lhe impõem a directriz que está seguindo.

Entretanto, vamos rejubilando com a notícia que põe de parabéns toda a gente — clubes, jogadores e público.

A semana de relance...

OS matosinhenses têm às vezes coisas curiosas. Lógica e matematicamente, bateram o Académico em todas as categorias.

O lance pode deixar de ter interesse, pode mesmo não despertar curiosidade no «indígena». Porque a faceta daqueles jogos que proporcionou este comentário reside, unicamente, neste facto: as derrotas infligidas ao Académico tiveram todas a mesma expressão numérica: 5-1.

O futebol, para nos contrariar, quando dizemos que nele não há nem pode haver lógica, dá-nos destas coisas — que arrelham os «doutores da bola»...

Quem haveria de dizer que o nosso «Vitor», o Guilherme mais guilherdo do futebol português, se veria em «palpos de aranha» quando as «coisas» pareciam arrumadas?

É como se vê. Anda tudo numa barafunda. Os quartéis gerais da «Brasileira» e do «Excelsior» regorritam de pessoas interessadas, que discutem, comentam, prognosticam — até isto... — sobre as possibilidades ou impossibilidades de Vitor Guilherme. Quando este comentário sair a lume, é natural que esteja já tudo arrumado, que as coisas já estejam esclarecidas.

Era este, porém, o panorama quando escrevamos o que se lê. Havia prós e contras. Havia quem dissesse sim e quem dissesse não. As apostas engrossavam, ao sabor dos interesses de cada um...

Mas afinal o que há de verdade? Não sabemos... Ou, melhor, sabemos, mas... garantimos ao nosso leitor que a história deste «imbróglio» dá pano para mangas...

O campeonato bracarense está na berlinda... O Farnalhão e o Sporting de Braga parecem estar na disputa do título com todo o afinco. A luta é tenaz e parece que os farnalhõeses estão a ganhar «genica» para arrelhiarem o nosso Rui.

Pelo menos tem sido o grupo, até hoje, com um comportamento mais definido. Já o Vitória não vai na senda costumada. Também as pretensões do Fafe estão mal acauteladas.

Vamos a ver. Mas deixem lá que teria certa graça se, desta feita, um grupo provinciano — mas dos legítimos — conquistava o direito a entrar no grande torneio, na «Taça de Portugal», por exemplo.

A nossa Associação de Futebol parece animada do melhor desejo de ser útil aos clubes da promoção. Assim anuncia aos jornais em circular que temos presente. Facilitará a sua admissão, dando todas as probabilidades para que aumente o interesse pela modalidade.

Estas atitudes só merecem louvores. Bom será que da parte dos interessados se corresponda a este gesto, que só prova a boa gestão dos negócios futebolísticos do nosso agrupamento.

ROBERTO AMIAL

A propósito...

JOSÉ SOARES

fala-nos de patinagem

TEM-SE dito muita vez que o desporto e a arte são modalidades afins. E até certo ponto é verdade — porque há atitudes desportivas que são verdadeiros motivos de arte. Algumas especialidades prestam-se maravilhosamente ao efeito. Neste caso o hipismo, o ténis, os saltos para a água, várias modalidades do atletismo. Quantas mais?! A patinagem, por exemplo. Que figuras maravilhosas de arte nos deu Sonja Henie, a rainha da neve e do gelo! Mas há mais, muito mais. Na patinagem com patins de rodas também podem desenhar-se figuras admiráveis. José Soares é um dos cultores mais perfeitos deste género de patinagem. E Ivone Torres, figurinha gentil de mulher, grácil e desenvolvida, verdadeiro «biscuit» de preciosa gama?! Estes dois nomes são, sem dúvida, os mais cotados das reuniões de patinagem que se têm feito através do país. Não citamos mais — para não suscitar ciúmes, inadmissíveis na família desportiva, e evitar, claro, azedumes de uns e de outras...

O acellista José Soares é elemento bem cotado no género. De primeiro plano. A sua perseverança ficou-se devendo o conhecimento e a propagação, feita à custa de esforços e sacrifícios sem conta, da patinagem artística. Bem secundado por vezes, é certo. Mas nem sempre compreendida a sua dedicação! Mas, apesar de todas as contrariedades e dissabores por que tem passado — José Soares nunca desanimou; antes lutou sempre sem desfalecimentos, e cada vez com mais vontade e fé. E a sua dedicação à patinagem operou prodígios. Venceu. E a campanha triunfou. A patinagem cria, de cada vez, mais adeptos e simpatizantes. Eis um desporto triunfante.

À mesa do «Palladium». Em volta, muita gente. Centro cosmopolita — onde se albergam, à tarde e à noite, pessoas de várias camadas. Têm ali cátedra o cinema e o teatro, a arte e o desporto, gente de todos os mestres de todas as castas e feitios. José Soares é um frequentador habitual daquele centro de cavaleiros. Como nós, como tanta gente, afinal. É uma noite destas a palestra deuivou para a patinagem. Arquivem-se as declarações do amigo e do desportista. Que, em se tratando de informação ao público, o jornalista alieia-se de toda a inconveniência; e é, em regra e até por índole, indiscreto e atrevido...

— Acidente, de há muito, um lindo sonho: a criação de um núcleo de propagação da patinagem. Será sonho? Por que não uma realidade? Desde que se reunissem vontades — e há tantas, por aí, dispersas... e mal aproveitadas! — era possível materializar a ideia. Não achas?...

José Soares deixa a pergunta em suspenso! E como não encontra resposta — que o sonho é belo demais! — logo prossegue:

— Era minha ideia criar o núcleo. De acordo com os preceitos do mais puro amadorismo, claro. É uma questão de princípios que eu defendo! Mas é necessário um fundo de reserva, criar uma verba especial para a aquisição de material e indumentária própria. Como?! Com o produto de festas — com características de propagação, através dos vários «rinks» de Lisboa e arredores. A província? Mais tarde, quando tudo estivesse em ordem e no bom caminho. Temos um grupo de aficionados — rapazes e raparigas, estas, especialmente, mais disciplinadas e animadas — que podiam muito bem refinar-se uma vez cada semana. Para troca de impressões. E para treinos. Há tanta beleza nas «figuras» de patinagem artística! Tanta harmonia! E, em conjunto, então, podem idealizar-se números lindos...

«Estou disposto a trabalhar. Sem distinção de clubes — todos por um e um por todos: eis a divisa, que deve entender-se por propagação da patinagem — o núcleo seria a materialização de um sonho. Daria espectáculos com sequência certa. Dar-se-ia o aspecto de continuidade —

(Conclui na pág. 14)

XADREZ

(Continuação da pág. 7)

vel iniciativa, na esperança de que o exemplo frutificasse e de que em breve se ponha termo à letargia a que estão actualmente submetidos os principais centros do xadrez da capital.

A «simultânea» que Vasco Santos, nosso presado colaborador, conduziu recentemente, apresentou uma nota de grande interesse e originalidade: Lupi, um dos «simultaneados», jogou de cor, isto é, sem ver o tabuleiro. Actuando com correcção e segurança admiráveis, o campeão de Lisboa obteve, após duas dezenas de lances, uma bem merecida vitória.

Os outros jogadores, em número de seis, acusaram, de modo geral, sensíveis progressos, e, por isso, não nos admiramos quando o simultaneador se viu forçado a tomar o rei no tabuleiro de Lasvignes e a ceder o empate irremediável que lhe propôs Correia Dias. Note-se, todavia, que os derrotados, entre os quais destacaremos os dres. Costa e Sarmiento, não jogaram com menos correcção do que os primeiros — a sorte é que talvez não lhes tivesse sido tão favorável.

Na verdade, a melhoria de jogo que aqueles xadrezistas manifestam é um tanto ofuscada pela falta de conhecimentos teóricos e de outros requisitos indispensáveis a todo aquele que pretenda progredir e criar personalidade no «firmamento xadrezístico». A falta de contacto com os jogadores mais experimentados impede, certamente, um ascendente absoluto — o que nos faz pensar nas vantagens que porventura proporcionaria a aproximação mais acentuada entre os amadores da Costa do Sol e os de Lisboa.

Está lançada a ideia. Ousamos esperar possível efectivação.

Revista Portuguesa de Xadrez

Com excelente recheio, saiu mais um número desta utilíssima gazeta pró xadrez, órgão da F. P. X. Além de esplêndidos artigos teóricos e noticiosos, estudos, problemas e de inúmeras partidas nacionais e estrangeiras, o fascículo correspondente a Julho-Agosto insere também o extracto de uma partida publicada na nossa revista — deferência que muito nos honra.

Agradecemos a oferta do exemplar enviado.